

AS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DA POESIA DE W. B. YEATS

Aluno: Eduardo Friedman
Orientador: Paulo Henriques Britto

Introdução

W. B. Yeats (1865-1939), um dos maiores nomes da poesia de expressão inglesa do século XX, foi publicado no Brasil em duas coletâneas [1] [2], e poemas esparsos seus foram vertidos para o português por vários tradutores importantes [3] [4] [5]. Até agora, não foi feita nenhuma avaliação comparativa dessas traduções.

Objetivos

O objetivo da pesquisa é realizar uma análise comparativa das diferentes traduções de alguns poemas de Yeats, para determinar as estratégias adotadas pelos diferentes tradutores e avaliar o sucesso relativo de cada empreendimento. Em seguida, serão feitas traduções de outros poemas [6], tendo em mente os princípios usados nas avaliações acima citadas.

Metodologia

Inicialmente, foram estudados os poemas de Yeats e textos que situam sua obra no contexto da poesia anglófona nos períodos pré-modernista e modernista [7]. Em seguida, alguns poemas originais foram selecionados e traduzidos para estudo detalhado. Foram priorizados poemas com mais de uma tradução. A metodologia usada nessa parte central da pesquisa é a que está exposta em diversos artigos [8] [9]: fez-se um levantamento exaustivo das características fonológicas, lexicais, sintáticas, prosódicas e semânticas do poema analisado, destacando-se quais delas têm maior peso no efeito estético final; em seguida, realizou-se levantamento análogo nas traduções, e foram comparados e pesados os êxitos e as deficiências de cada uma, para se chegar a uma avaliação de seus respectivos méritos.

Conclusão

Na tradução de “An Irish airman foresees his death”, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, notaram-se dois grandes problemas: a falta de regularidade métrica (versos com 4 pés no original; versos com 8, 10, 12 e 14 sílabas, com predominância do decassílabo, na tradução) e a não obediência ao esquema de rimas (alternadas no original; emparelhadas na tradução, com quebra do esquema nos versos 11 e 16). Além disso, o apagamento do quiasmo dos versos 14 e 15 também fez diferença. É importante a presença do quiasmo [6], recurso que consiste em dispor no mínimo quatro elementos de forma cruzada. (Em um quiasmo de n elementos, o elemento 1 se combina com o elemento n , o 2 se combina com o $(n-1)$, e assim por diante.)

Já a tradução de Vizioli é mais bem-sucedida: ele mantém uma uniformidade métrica (8 sílabas por verso, com exceção do verso 4, que tem 7) e rímica (ele respeitou o esquema *abab* do original). Vizioli conseguiu também manter o quiasmo, embora somente em dois níveis, e não em três, como no original. Seus maiores problemas foram inversões sintáticas pesadas, que não deixam o significado tão claro quanto no texto de Yeats, como no verso 2 (“Que sina me aguarda estou vendo;”).

A tradução de Ascher também é bem-sucedida: ele respeita a métrica (versos octossílabos), mas comete um pequeno deslize quanto à rima, pois há uma imperfeita (versos 10 e 12 – “luto” com “tumulto”). No plano lexical, faz-se somente uma ressalva: é preferível

“um tumulto nas nuvens” a “nas nuvens em tumulto”, opção usada pelo tradutor, pois é melhor que o núcleo do sintagma seja “tumulto”, já que é uma informação nova e essencial.

Em “The fascination of what’s difficult”, Péricles novamente perde o trabalho de rimas de Yeats, que tinha um caráter experimental: o 4º verso da 1ª estrofe é também o 1º verso da 2ª estrofe, e assim por diante. Vizioli, no entanto, preserva os elementos fundamentais.

Já em “The Second Coming”, os dois tradutores cometeram deslizos. Vizioli não respeitou a dicotomia ordem/caos dos versos iniciais e, por traduzir o poema inteiro em decassílabos, teve que cortar palavras importantes da segunda parte do poema. Vale comentar também que, embora o poema seja em pentâmetros predominantemente, há desvios, e eles não foram reproduzidos por Vizioli. Péricles seguiu o modelo de Yeats de não fazer todos os versos com o mesmo número de sílabas, mas há desvios em excesso em sua tradução, e algumas de suas escolhas lexicais são duvidosas, como “animal” no 21º verso.

O último poema analisado, “Leda and the swan”, teve cinco traduções: além das de Vizioli e Péricles, estudaram-se também as de Paulo Britto, Augusto de Campos e Nelson Ascher. Todas foram consistentes em termos de métrica: Britto e Ascher usaram decassílabos, enquanto os outros, dodecassílabos. Só Ascher respeitou o esquema rímico *ababcdcdefgfg* de Yeats. O esquema da tradução de Péricles é *ababcdcefggfe*, o da de Vizioli é *ababcdcdefgfeg*, o da de Britto é *ababcdcdefgfeg* e o da de Campos é *abbacdcdefgfg*. Em termos de escolhas lexicais, a tradução de Britto foi a que mais teve perdas.

Foram feitas também traduções originais, seguindo os princípios usados nas avaliações acima mencionadas. Em “An Irish airman foresees his death”, houve perdas no plano rímico devido ao uso de rimas toantes, enquanto Yeats, no original, fez uso somente de rimas completas. Em “High talk”, também foram usadas na tradução muitas rimas toantes, mas a principal preocupação era manter o esquema rímico do original. O poema “The choice” é predominantemente em pentâmetros jâmbicos e, embora na tradução não se tenha conseguido manter um esquema rímico constante, pôde-se ao menos respeitar as rimas: *abababcc*. O poema narrativo longo “The two kings”, em pentâmetros jâmbicos brancos, também foi traduzido em decassílabos brancos, respeitando-se o vocabulário erudito e arcaizante do original.

Referências

- 1 - YEATS, W. B. **Poemas**. Org., introd. e trad. de Péricles Eugênio da Silva. São Paulo: Art Editora, 1987. 176p.
- 2 - YEATS, W. B. **Poemas**. Org., introd. e trad. de Paulo Vizioli. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 159p.
- 3 - YEATS, W. B. Leda and the swan. In Roth, Philip. **O complexo de Portnoy**. Trad. de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 264p.
- 4 - CAMPOS, Augusto de. **Poesia da recusa**. São Paulo: Perspectiva, 2006. 364p.
- 5 - ASCHER, N. **Poesia alheia: 124 poemas traduzidos**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 384p.
- 6 - YEATS, W. B. **The collected poems**. Org. de R. J. Finneran. 2. ed. Nova York: Simon & Schuster, 1996. 544p.
- 7 - VENDLER, Helen. **Our secret discipline: Yeats and lyric form**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007. 428p.
- 8 - BRITTO, P. H. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In Souza, Marcelo Paiva de, et al. **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL / Flor&Cultura, 2006. p. 55-64.
- 9 - BRITTO, P. H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In KRAUSE, Gustavo Bernardo (org.). **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002. 210p.